

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA

O MOVIMENTO DE ALFABETIZACAO NA ADMINISTRACAO
DO PREFEITO DJALMA MARANHÃO - DE PE NO CHAO
TAMBEM SE APRENDE A LER



CLODOALDO CABRAL DA TRINDADE JUNIOR

NATAL-RN
JUNHO 1994

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA



O MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO DJALMA
MARANHAO~: "DE PE NO CHÃO TAMBEM SE APRENDE A LER"

CLODOALDO CABRAL DA TRINDADE JUNIOR

NATAL-RN

JUNHO/94

CLODOALDO CABRAL DA TRINDADE JUNIOR

**O MOVIMENTO DE ALFABETIZAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO DJALMA
MARANHÃO: "DE PE NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER"**

Monografia apresentada a disciplina prática de PESQUISA HISTÓRICA II, do Curso de História Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Profa Marlene Mariz.

Natal-RN

Junho/94

SUMARIO

	Páginas
1. INTRODUÇÃO	4
2. CONJUNTURA NACIONAL DO PERIODO	5
2.1. NO BRASIL	5
2.2. NO NORDESTE	8
2.3. NO RN-NATAL	9
3. O GOVERNO DE DJALMA MARANHÃO	15
4. A CAMPANHA DE "PE NO CHÃO TAMBEM SE APRENDE A LER"	17
4.1. OBJETIVOS	18
4.2. CARACTERISTICAS	19
4.3. TERMINO, O GOLPE DE 1964	25
5. CONCLUSÃO	29
6. ANEXOS	31
7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	33

1. INTRODUÇÃO

A solução dos problemas sociais e economicos, sempre estiveram ligados a educação, a cultura e ao questionamento de metas e projetos.

O objetivo deste trabalho monográfico visa mostrar um perfil da trajetória educacional que se iniciou em 1961 e teve seu término em 1964.

O populismo como influência de um povo, fez florescer oligarquias, e em 1960 surgiu Aluizio Alves como Governador.

O populismo sempre foi, malgrado as distorções político-ideológicas que lhe são inerentes, um mecanismo de politização das massas.

Esperamos que haja interesse por parte dos governantes, de conscientizar e melhorar a cultura das classes populares através da educação.

2. CONJUNTURA NACIONAL DO PERIODO

2.1. No Brasil

No inicio dos anos 60 o descontentamento social já se embrionava nos alicerces da estrutura do estado mostrando uma perspectiva de luta.

E interessante recapitular-mos um pouco os fatos políticos da década de 50. Como, a eleição de Getúlio Vargas com 68 anos de idade, retornando ao poder como um lider populista, tentando apagar a imagem do "Homem Ditador" do Estado Novo e fazendo construir uma nova figura de Homem Democrático.

Como presidente retomou duas características que o consagraram, o Nacionalismo Económico e a Política de Amparo aos trabalhadores assalariados.

Esse Nacionalismo era duramente combatido pelos Estados Unidos, pelas empresas estrangeiras e pelos seus representantes no Brasil.

O antagonismo político-económico chega ao seu ápice numa reação à política de Vargas. O governo dos Estados Unidos mostrava-se irritado pela criação da Petrobrás e pela lei de lucros. A UDN surgiu como principal partido oposicionista e começa a haver uma grande mobilidade no sentido de uma conspiração para derrubar Getúlio, e num dos líderes oposicionista estava a figura de Carlos Lacerda, partidário da UDN e Diretor do Jornal Tribuna da Imprensa.

Já no plano trabalhista, Vargas buscava uma democracia social e económica.

Em 1956, o PTB e PSD, partidos de origem Getulista, finca os pés no Estado através de Juscelino Kubitschek, fazendo uma administração baseada no plano de metas, onde inseria-se construção de Usinas Hidrelétricas, implantação da Indústria automobilística, permitiu às grandes empresas multinacionais instalarem suas filiais no país. - os gastos com as grandes obras públicas ajudaram a elevar a inflação.

Na tentativa de desenvolver a região Nordeste, Juscelino, cria a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) contudo, procurando o deslocamento de grande parte da massa trabalhadora do campo para as grandes cidades e aconteceu um aumento das desigualdades econômicas sociais entre Nordeste e o Sudeste.

O Governo Kubitschek, ficou marcado pela democracia, pela evolução intelectual, fazendo um governo modernizado mas ao mesmo tempo desnacionalizado. Onde fez realizar eleições livres e entregou o poder ao Presidente eleito pela oposição, Jânio da Silva Quadros.

Jânio chega a Presidência da República coroando uma carreira política rápida e cheia de sucessos. Tinha um estilo político exibicionista, dramático e demagógico. - Antes de ser eleito Jânio se mostrava um anti-comunista, e essas idéias agradava políticos da UDN e os grandes empresários, entretanto, eleito tomou atitudes contraditórias que surpreenderam os empresários, as multinacionais e os políticos da UDN.

Um dos pontos mais polêmicos foi a condecoração do Ministro Cubano ERNESTO CHE GUEVARA com a ordem do Cruzeiro do Sul.

Sem o apoio da UDN, dos grandes empresários e dos gru-

pos que dominavam a imprensa, Jânio sentindo-se impotente para governar, renuncia ao cargo de Presidente da República.

Após a adoção do sistema Parlamentarista de Governo, João Goulart, no dia 7 de setembro de 1961, tomou posse como Presidente do Brasil. Para viabilizar seu Governo, que enfrenta inflação, dívida externa e custo de vida crescente, além da instabilidade política que aumentava, o povo foi convocado para um Plebiscito em janeiro de 1963, voltando ao país o Presidencialismo. (Skidmore, 1976)

João Goulart fazia um Governo nacionalista e reformista, onde chegou a propor reformas de base para o país, como a reforma agrária, eleitoral, educacional, tributária. E colocou o capital estrangeiro sob controle, com a Lei Remessas de Lucros, provocando a reação das classes dominantes. Os setores populares faziam greve política em apoio às reformas de base.

Os movimentos de educação popular começam a emergir, levando a população adulta a participar da vida política do país, através do combate ao analfabetismo.

A grande missão da educação popular é a de uma educação democrática para as massas que permita a concretização destes objetivos. (Bezerra, Aida, 1985)

A educação tem um caráter instrumental e de propunha a expressar os interesses populares mostrando as injustiças sociais.

Protestos de grupos de direita e de esquerda tomaram conta do país, e no dia 31 de Março de 1964 explodiu a Rebelião das Forças Armadas contra João Goulart.

2.2. No Nordeste

No Nordeste, a situação política estava num quadro de lutas antagônicas como em todo o país, havia crise econômica, política e social.

Surtem as ligas camponesas e os sindicatos rurais, que por sua vez, organiza os trabalhadores rurais como classe, tendo como resultado greve que paralisou a Indústria Açucareira no estado de Pernambuco.

Os latifundiários reagiram, fazendo uma verdadeira onda de assassinatos, chacinas e perseguições.

O Nordeste, apresentava, quanto à sua economia, um quadro de crescente perda na participação do produto total do país em virtude do crescimento industrial ter se concentrado no centro-sul, o que favoreceu o argumento dos chamados desequilíbrios regionais. (Germano, 1982.30)

É criado em 1959, o órgão que teria o objetivo de trazer novas perspectivas para o Nordeste, a SUDENE.

"As forças populares do Nordeste ainda não tinham conquistado as alavancas do poder econômico, mas caminhavam no sentido do controle político, e mais, estavam impondo a sua hegemonia cultural, ou hegemonia ideológica ao nível das instituições da superestrutura".
(Góes, 1982:32)

O Nordeste torna-se o berço dos movimentos de educação de base, e a Igreja vai a luta pela reforma agrária, e a cultura popular ganha destaque e importância, pois o objetivo era desmistificar os processos de dominação e exploração.

As Ligas Componesas utiliza o código civil para combater a propriedade, o subtrabalho, o cambão.

As Forças Populares e Democráticas no final da década de 50, ganham força no Nordeste, juntamente com a Igreja, que contribuiu para a organização dos trabalhadores rurais. Contudo a Igreja temia as Ligas Componesas e o comunismo, juntamente com as massas rurais, visto isso a Igreja é obrigada a tomar uma posição, que seria a de incentivar a sindicalização rural.

"Há os que admiram a Igreja patrocinar a sindicalização rural, mas é assim que os trabalhadores se livram dos enganos do comunismo e da pressão do capitalismo liberal" (A Ordem, Natal, 3 de Abril.1962, P.3)

Com o MEB, procurou-se desenvolver um trabalho de conscientização política, fundando escolas de alfabetização, de autonomia própria, onde as crianças aprendiam a ler e os adultos questionavam problemas do povo.

2.3. No Rio Grande do Norte/Natal



"As eleições de 1958 no Nordeste, no nível regional(...) A queda da oligarquia agrária que até então detinha inquestionavelmente o poder; No nível nacional representam a derrota do Partido Governamental, e do tradicional eleitoral, Coronéis" (Cohn, 1978, p.92).

Neste quadro há uma ascensão política das massas populares, o antigo Partido Popular se dividiu em dois e a sua ala mais radical na oposição a Getúlio Vargas formara a União Democrática Nacional.

No Rio Grande do Norte, além do Partido Popular, foi fundado, o Partido Social Nacionalista. Em 1934, o novo Interventor Mário Câmara fundou o Partido Social Democrático.

O Rio Grande do Norte no início da década de 60 apresentava uma brisa de candidaturas populistas, caracterizando uma aglutinação de forças antagônicas. Em Natal, no ano de 1959, o Prefeito Djalma Maranhão, rompe com o Governador Dinarte Mariz, e passa a apoiar a candidatura do dissidente da UDN, Aluizio Alves.

Dinarte Mariz, representava os interesses da oligarquia, já Aluizio Alves expressava os interesses da industrialização e do progresso - Djalma Maranhão situava-se como nacionalista de esquerda, a favor da reforma agrária e contra o Imperialismo Americano.

Aluizio Alves ao assumir o Governo no dia 31 de Janeiro de 1961, montou um ambicioso Programa Governamental e vai buscar

financiamento para suas obras na Aliança para o progresso. Ao abrir as portas do Estado para os Ianques, através dos programas desenvolvidos pela USAID, Aluizio Alves perdeu o apoio do Prefeito Djalma Maranhão, que, por sua postura Nacionalista, discordava da colaboração com Washington, posta em prática pelo Governo do Estado. Mas, o rompimento definitivo só ocorre quando, nas eleições de 1962, Alves se nega a apoiar a candidatura Maranhão para o Senado, esvaindo-se assim as ilusões da esquerda com relação ao Governador. (Góes, 1980)

Na versão de Aluizio Alves, seu contato com a Aliança para Progresso instaurado por iniciativa do Presidente Kennedy, não foi fácil.

"Com a renúncia do Presidente Jânio Quadros, desanimei com a execução dos planos de grandes investimentos no Estado. A única saída era ver como poderia obter recursos da Aliança para o Progresso (...) Fui aos Estados Unidos, estive na aliança com vários setores e todos que diziam que nada podiam fazer porque havia um convênio entre o Governo do Brasil, o Governo Americano e a Aliança para o Progresso de que os governos estaduais não podiam tratar diretamente com a aliança. No Nordeste só através da SUDENE, e eu sabia da resistência da SUDENE à execução dos planos da aliança. Procurei o então Embaixador Roberto Campos, e expus o problema a ele. Ele me disse: Se você falar com o Presidente Kennedy, pode, talvez, encontrar uma solução (...) E o Embaixador conseguiu que o Presidente me recebesse (...) Falei ao Presidente Kennedy que tinha ido a Washington ver o que era a Aliança e voltava sem saber. Ele perguntou: Por que? Respondi: porque falei com várias autoridades da

Aliança e todas elas ficaram nas objeções burocráticas e jurídicas. Ele me perguntou: mas o Senhor falou com o Embaixador Moscoso? Informei: Não, infelizmente, ele está de férias na Austrália. Ele trocou rapidamente idéias com um auxiliar e me perguntou quando eu regressaria ao Brasil. Disse-lhe que voltaria no dia seguinte, mas poderia permanecer alguns dias, se efetivamente necessário. Voltou a conversar com o Assessor, e em seguida, se dirigiu a mim: O Senhor, depois de amanhã procure o Embaixador Moscoso na Sede da Aliança que ele estará lá para recebê-lo, pois vou mandar buscá-lo agora para essa conversa. E, realmente, fui recebido pelo Embaixador Moscoso, apresentei parte do Programa do Governo, no valor de 25 milhões de dólares, ouvindo que no dia 16 de julho (estávamos em 16 de junho) estaria aqui para que os técnicos examinasse os projetos que eu dizia ter preparados (...) O Presidente da Aliança veio no avião da Presidência da República, com 25 técnicos. Foi direto ao Palácio do Governo. Discutimos das 9 horas da manhã às 7 horas da noite. E, no final, foi lida por ele e por mim uma onda pela qual a Aliança assegurava-me, para 7 projetos (...) 25 milhões de dólares. Mas, quando, ele saiu depois para fazer uma visita à SUDENE e comunicar os resultados aliançados entre Natal, a SUDENE reagiu, achando que a Aliança, por ter se entendido diretamente com o Governo do Estado, passara por cima da sua autoridade. Vetou a concessão daqueles recursos, baseando-se no convênio existente. Fui imediatamente a Brasília. Estávamos no Regime Parlamentarista. Antes que a SUDENE conseguisse apoio à sua atitude, consegui que o Gabinete considerasse possíveis experiências pioneiras da Aliança para o Progresso com qualquer estado, e que o nosso caso fosse caracterizado como uma experiência

pioneira. Ainda assim, fui aconselhado, em Brasília, a negociar com a SUDENE. Após uma série de conversas e fórmulas transigi. A SUDENE iria liberando uam-se a projetos a serem desenvolvidos nas seguintes áreas: Agricultura, casas populares, pecuária , abastecimento de água, saúde e educação. Merece especial destaque o projeto 512-AA-64-BJ-5, convênio RGN-ED-PL480, através do qual o Governo do Estado obteve da Aliança para o Progresso recursos da ordem de CR\$ 2.065.350.000,00, destinados 'Ao melhoramento e ampliações do sistema de educação primária e básica'. Esse plano previa a construção de 1.175 salas (...); conclusão e equipamentos de cinco ginásios no interior (...); formação de três mil professores em cursos intensivos; e alfabetização de 100.000 adultos". (A Ordem - 4, agosto, 1962, P.9)

O Rio Grande do Norte chegou a participar de mobilizações de questões políticas locais, nacionais e internacionais, e uma das mobilizações que chamou a atenção, foi a dos Comitês Nacionalistas em Defesa das Ações da Petrobrás, postas à venda pelo Governo do Estado, Dinarte Mariz, uma outra manifestação aconteceu em 1961, da União Estadual dos Estudantes e a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias, exigindo cumprimento da Constituição, que assegurava a posse de Jânio, no Bairro do Alecrim na Praça Gentil Ferreira houve um comício em apoio a Goulart.

Já no comício de 05 de maio de 1963, o Deputado Leonel Brizola, a qual não tinha nenhuma simpatia pelo Governo, fez um discurso fervoroso, onde incitava a Gal. Muricy, Comandante da Guarnição local e apelava aos soldados das Forças Armadas a pegarem em armas em defesa das reformas de base, atacou a Aliança para o Progres-

so, que por sua vez, tinha o Embaixador Norte-americano, Lincoln Condon aceito do Governador Aluizio Alves o convite ao Estado.

Os jornais mais importante deram destaques ao acontecido, como o Jornal do Brasil, O Globo, Jornal do Comércio, etc..., foi uma tacada no corpo das Forças Armadas, e isso poderia nascer um pedaço do pávio de uma verdadeira bomba.

A essas mobilizações e manifestações sempre estiveram presentes o Prefeito Djalma Maranhão e todos aqueles que comugavam do seus ideais. (Germano,1982:96)

3. O GOVERNO DE DJALMA MARANHÃO

Djalma Maranhão era um antigo militante do Partido Comunista, tendo participado da Rebelião de 1935, quando então era Cabo do Exército. Após o movimento, é preso. Foi expulso do Partido Comunista, de forma arbitrária por ter feito acusações à Direção local do Partido. Ficou no PSP, onde foi expulso novamente por divergência com Ademar de Barros.

Formou Comitês Nacionalistas, chamado de Comitês Populares ou Comitê de Rua, que por sua vez, se instalavam na periferia da cidade, onde se discutia problemas nacionais e locais. E foi com essa habilidade de questionar os mais diversos problemas enfrentado pela população que Djalma Maranhão se elegeu com mais de 60% dos votos.

Em 1960, pelo PTN é eleito Prefeito de Natal, entretanto, não obdecendo a orientação nacional do Partido, que apoiava

Jânio Quadros para Presidente da República, foi expulso novamente, se filiando ao PSB.

Maranhão tornou-se o primeiro Prefeito eleito de Natal, derrotando Luiz de Barros.

Seu primeiro contato com outro Governante se deu com o Prefeito de Recife, Miguel Arraes, seria o inicio de um intercâmbio, onde se destacaria a coesão no aspecto do movimento de cultura popular e da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

Em sua administração, Djalma Maranhão iniciou a cons-

trução de casas populares destinadas aos funcionários municipais, sendo construído no Bairro das Quintas, com recursos da Prefeitura, vários programas de saúde foram assinado, entretanto às vespéras do Golpe Militar.

4. A CAMPANHA "DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER"

A Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" germinou na cidade Potiguar de Angicos, e foi desenvolvida pelo Prefeito Djalma Maranhão em 1961. Em Natal a situação educacional estava caótica e sem estrutura, pois não havia salas de aulas suficiente para os alunos ou as pessoas que desejassem se ingressar ao ensino educacional.

A população de Natal passava dos 154.000 habitantes, e o número de analfabetos chegava a quase trinta e um mil analfabetos entre crianças e adultos, isso sem escola.

Djalma Maranhão com base nas reivindicações populares, que "considerava como prioridade a escola para todos e a erradicação do analfabetismo", (Góes, 1988:33-7) partiu para a prática para combater a miséria e a carência de instrução cultural.

O grande foco desses blocos de alienados, estavam localizados nas periferias da cidade, nos bairros mais humildes, onde a assistência educacional estava no último plano.

A Prefeitura improvisava, juntamente com a comunidade, e foi dentro dessa harmonia que o Secretário Municipal de Educação, na época Moacir Góes, tomou uma coesa decisão com a comunidade das Rocas, o primeiro Bairro a receber os primeiros ventos das novas-ideias educacionais, fazendo com que se construísse escolas de palhas, já que a Prefeitura não tinha dinheiro para as construções de alvenaria.

O nome da Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" através de escolas de palhas de coqueiro e chão de barro batido, surgiu de uma reportagem feita pelo jornalista Expedito Silva, em que "afirma que até de pé no chão se aprende a ler, querendo dizer que de agora em diante educação não era mais privilégio, pois todos teriam acesso à escola, sem fardas, com qualquer roupa e até mesmo sem calçados". (Arquivo Público, Secretária de Educação, Cultura e Saúde, 1963, p.6)

Foi realizado um curso com vistas a preparação dos professores que iriam atuar na experiência e que contou com a presença de mais de 200 participantes. (Folha da Tarde, Natal, 1 de fevereiro 1961, p.1)

Tentando sensibilizar os intelectuais tradicionais do Estado, foi programado e realizado o I Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do Município de Natal. Este Seminário se prolongou de março a junho de 1961, tendo sido efetuado em lugares diferentes e contando com a participação de um grupo desses mesmos intelectuais. (Germano, 1982:101)

Dár-se assim um amplo movimento educacional, fazendo nascer uma certa estrutura organização que elevava a cidade de Natal ao campo cultural.

4.1. Objetivos

A Campanha "De pé no Chão Também se Aprende a Ler" visava primeiramente erradicar o analfabetismo, ensinar a ler, escre-

ver, contar; Abrigar alunos sem exigências de fardamento e material escolar. Pois o fundamental era se chegar a um estágio de conscientização de classe.

Foi através de cartilhas e criando seus intelectuais de caráter popular, que a Campanha se desenvolveu em bom estilo e com sucesso em vários estados, onde se elogiava a atitude do Prefeito de Natal.

4.2. Características

A Campanha "De Pé Também se Aprende a Ler" se caracterizou como movimento radical em favor das necessidades gerais da população de Natal e em especial como instrumento vigoroso para dar condições à expansão da cultura e da educação do povo.

Além das escolhinhas e dos acampamentos escolares, criou-se Bibliotecas Populares, Praças de Cultura, Centro de Formação de Professores, Galeria de Artes.

Neste contexto realizou-se vários encontros culturais, promoção de exposições de arte, apresentação de peças teatrais onde a cidade recebeu uma bagagem cultural bastante expressiva, dando ao povo a oportunidade de participar e não apenas de se tornar um mero espectador.

Entretanto, nem tudo era maravilha no início da Campanha, tinha-se o problema do espaço físico e qualificação do pessoal docente e o material didático.

Não dispendo de recursos suficientes para enfrentar a construção dos prédios escolares, "a prefeitura apelou para a popu-

lação, onde fosse cedida gratuitamente uma sala, aí seria instalada uma escolinha. Sindicatos, sociedades beneficentes, sedes de Clubes de Futebol, Igrejas de todos os credos, residências particulares, abririam suas portas. (Arquivo Público, Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, op. Cit., p.7)"

Na cidade de Natal começaram a germinar as primeiras sementes das idéias revolucionárias educacionais, as escolas surgiam em todo lugar, nos cinemas, como o São José, situado nas Quintas, onde só passava filmes pela noite. Em dois anos tinha-se 271 escolas espalhadas pela cidade.

Em 1961 construíram-se dois acampamentos, nos Bairros de Rocas e Carrasco; Quintas, Conceição, Nova Descoberta, Nordeste, Aparecida e Igapó foram beneficiados em 1962.

Nas praças de cultura, haviam quadra de esporte e biblioteca. Em 1963, a Praça Principal da cidade foi transformada em praça de cultura, com concha acústica, biblioteca, etc.

O Centro de Formação de Professores foi uma etapa preparatória onde mantinha três tipos de cursos, desenvolvido em três diferentes níveis: Curso de Emergência, que por sua vez treinava monitores para a Campanha em três cursos. Já o curso normal de três nível ginásial seria em quatro anos, e o curso normal de nível colegial em mais de três anos de escolaridade com escola de demonstração.

O primeiro curso (emergência) contou com uma participação de 481 pessoas, sendo 28 do interior do Estado; o segundo curso foi frequentado por 124 alunos, dos quais 18 eram do interior, o que demonstra uma ampliação do raio de influência da campanha. O te-

mário, em geral, versava sobre os seguintes aspectos:



"Processo espoliativo do imperialismo, cultura brasileira e alienação cultural popular, análise e crítica da constituição brasileira, realidade brasileira, reformas de base, aspectos da economia brasileira, o Professor primário em face da realidade brasileira e análise da cartilha da campanha". (Germano, 1982:110)

O CFP foi importante na Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler", pois possibilitou o treinamento e reciclagem do corpo docente e assegurou o rendimento da aprendizagem da área discente.

A escola brasileira com dinheiro brasileiro é a alusão feita a primeira ajuda financeira do Governo Federal (MEC) através do Ministro Paulo de Tarso, que possibilitou a construção de pequenas salas de aula de alvenaria, partindo de estruturas metálicas pré-fabricadas. Estas classes acrescentavam-se aos acampamentos, que continuavam funcionando. Esta expressão também revela o conflito ideológico do Governo da Prefeitura com o Governo do Estado, que para ampliar a sua rede escolar contava com o financiamento Norte-Americano da Aliança para o Progresso. (Góes, 1980:44)

A Campanha atingia crianças e adultos.

Os acampamentos escolares durante o dia recebiam crianças e à noite era a vez dos adultos, onde "a maioria é constituída de pais de crianças que estudam no mesmo acampamento nos horários matutino e vespertino". No entanto, é importante destacar que a Campanha enfatizava especialmente, em termos de atendimento escolar, a educação de crianças, isto porque, conforme assinala o documento cultural popular e pé no chão, "o número de crianças em idade escolar existente em Natal é muito maior que o número de adultos analfabetos e, portanto, só conseguiremos fazer a erradicação do analfabetismo se dermos maior importância a alfabetização de crianças sem deixar a margem a alfabetização de adultos. (Arquivo Público, Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, p.16)

A grande força motriz, o cérebro da Campanha, eram os Professores e o Centro de Formação de Professores. O professorado era constituído, em parte por voluntários e, em parte por assalariados da Prefeitura de Natal, uns eram estudantes, que ainda não haviam concluído o curso de Formação de Professores e procuravam um

local onde pudesse desenvolver o trabalho.

E para se ter harmonia no que estavam fazendo, semanalmente a Orientadora/Supervisora reunia-se com os monitores para revisas e correção do trabalho docente dos monitores como também discutir sugestões dos conteúdos a serem ministrados. (Cunha, 1989:25)

Os círculos de pais e professores desempenharam um importante papel na fixação do aluno à escola, combatendo a evasão e abrindo espaço político. As reuniões eram mensais, servindo para aproximar as partes interessadas na educação da criança e na resolução de problemas da comunidade. (Góes, 1980)

O Centro de Formação de Professores possuía uma biblioteca, onde também funcionavam círculos de leitura. A primeira biblioteca surgiu em 01.05.1962 no Bairro das Rocas e a segunda no Bairro das Quintas. Essas bibliotecas funcionavam bem mais como postos de empréstimos de livros do que como bibliotecas, mesmo porque não havia espaço suficiente. Eram barracas de madeira abertas diariamente à tarde e a noite, cada uma delas com um acervo de aproximadamente 2.000 livros. Eram emprestados cerca de 80 a 120 livros diários. (Germano, 1982, 118)

Na cidade alta foi inaugurada a primeira Galeria de Arte, e em seguida a concha acústica como também a biblioteca, transformando a Praça André de Albuquerque em Praça de Cultura.

Havia exposição de obras de artistas eruditos e populares, além de filmar a apresentação de grupos folclóricos, que por sua vez estavam representados pelo "Boi Calemba, Babelô, Congos, Danças antigas como Araruna, Camaleão e Coã, Chegança, Fandango,

Lampinha e Pastoril, isso sendo apresentado na sua devida época, ia de Santos Reis as Quintas". (Germano,1982:120)

A Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" valorizou a recreação, pois estavam inseridos neste processo de organização cultural, o esporte amador, onde foram construídas doze quadras destinadas à prática de esportes. Foi neste período que se inaugurou o Palácio dos Esportes, localizado na Praça Cívica.

"Mas Pé no Chão não ensina somente a ler, escrever e contar, estende-se também no plano da profissão". (Arquivo Público, Secretaria de Educação, Cultura e Saúde,1963,p.15)

A nova campanha pretendia dar ao homem alfabetizado, os instrumentos profissionais para um Nordeste que vai amanhecendo para a industrialização. Dessa maneira, embora ao nível das intenções tenha ficado clara a formação de uma força de trabalho com vistas a suprir as necessidades de uma indústria nascente, o que verifica, na realidade, é que a campanha em foco se prendeu de fato a formar artesões, ou seja, com exceção de alguns poucos cursos como datilografia, eletricidade e enfermagem de urgência, o restante, na verdade, voltava-se basicamente para o artesanato. Assim sendo, predominava cursos de sapataria, marcenaria, corte e costura, encardenação, alfaiataria, barbearia. O caráter artesanal de tais cursos fica ainda mais patenteado com a criação da Cooperativa da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende uma profissão, que tem como princi-

pal finalidade beneficiar os artesãos da referida Campanha. (Diário de Natal, 29 de fevereiro de 1964, p.3)

4.3. Término da Campanha o Golpe de 1964

Ante o crescimento político e reivindicativo das Forças Populares, a burguesia se sentiu ameaçada e, temendo perder o controle do processo reformista, precipitou o rompimento do chamado Facto Populista. Isso desaguou no movimento militar de 1964, que, depondo João Goulart da Presidência da República, instaurou um regime político, excessivamente autoritário e repressivo, retirando, portanto, as massas do cenário político brasileiro. (Germano, 1982:148)

A campanha seguia uma trajetória cultural envolvida pelo entusiasmo popular, com seus seminários e congressos, que por sua vez levava a uma politização da sociedade civil.

Entretanto, o movimento militar castrou os ideais progressistas, em Natal houve ocupação nos principais pontos da cidade pelas Forças Armadas.

Djalma Maranhão foi em defesa da legalidade democrática, conclamando o povo para que estivesse em estado de alerta, nos Sindicatos, Diretórios, ruas e praças públicas, transformando a Prefeitura no quartel general da legalidade e da resistência.

O comando militar, proibia qualquer mobilização, e advertia especialmente as classes operárias e aos estudantes para qualquer tipo de agitação.

O Governador do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves

apoiou o movimento militar, em nota publicada nos jornais do dia 10 de abril.

"(...) Agora, informando das razões e objetivos do movimento deflagrado sob a liderança do Governador Magalhães Pinto, quer manifestar o seu apoio aos ideais dessa posição, que visa à autêntica legalidade democrática, ameaçada por fatos que ainda não eram do conhecimento público". (Germano, 1982:151)

O Governador justificava sua posição, justificando que o Presidente João Goulart não teve forças de impedir a radicalização das posições ideológicas e políticas, que levou o país a um impasse, onde se poderia ser solucionado com respeito às tradições das Forças Armadas.

As Forças Armadas dissolveu uma assembléia de estudantes que se realizava no Restaurante Universitário da Av. Deodoro; como também o Quartel General da Legalidade que se instalara na Prefeitura.

Djalma Maranhão foi preso por volta de 17 horas, por patrulhas do exército, em seus respectivos Gabinetes. E declarado comunista, ficaria impedidos de exercer o mandato. Diante dos fatos a mesa da Câmara solicitou do Comando Militar que a comunicação fosse feita por ofício, e por volta das 22 horas, chegou a Câmara o ofício do Coronel Mendonça Lima, oficializando a intenção de impeachment, e logo referendado pela Câmara, numa votação secreta e que não consta nos livros de ata da Câmara Municipal de Natal. (Germano, 1982:154)

Assume a Prefeitura, o 1º Vice-Presidente da Câmara, Raimundo Elpídio da Silva, e fez do seu primeiro ato, a demissão do Prof. Moacyr de Góes do cargo de Secretário de Educação. (A Ordem. Natal, 11 de julho 1964)

O novo titular, em sua primeira entrevista coletiva à imprensa, anunciou entre as suas metas à frente do ensino municipal a de "Escoimá-lo Ideologicamente". (Diário de Natal, 3 de abril 1964, p.8)

Em oito dias a situação política da cidade de Natal estava inteiramente modificada. O Prefeito e o Vice-Prefeito foram depostos e cassados, o Exército ocupara os Sindicatos Operários da mesma forma que intervieria no Diretório Central dos Estudantes, começaram as prisões e as repressões. Foram instaladas, várias comissões de inquérito: no Governo do Estado, na Prefeitura e na Secretaria Municipal de Educação. O mais importante foi o instrumento pelo Governo do Estado em obediência às determinações do ato institucional Nº 1, baixado pelo Comando Revolucionário. Para presidir o referido inquérito, o Governo do Estado importou de Pernambuco os Bachareis Carlos Veras e José Do-

mingos, tratava-se especificamente das conclusões desse inquérito, no que diz respeito à Prefeitura e, em particular, à Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler". (Germano,1982:157)

A Campanha "de Pé no Chão Também se Aprende a Ler" é considerada como um movimento de caráter nitidamente subversivo, ocasionando inúmeras prisões, inclusive do Prefeito Djalma Maranhão, que morreu, no exílio, em 30 de Julho de 1971. (Góes,1980:120)

5. CONCLUSÃO

A Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler desenvolveu-se num contexto de crise económica e política das classes dominantes, num momento de ascensão política dos trabalhadores.

No início, a campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler pretendia simplesmente oferecer educação para todos, entretanto, amadurece e passa a encarar a educação e cultura como instrumentos de libertação, procurando levar a população Norte-Riograndense a uma conscientização da sua cidadania. Tomou proporções amplas, chegando ao interior do Estado.

Percebe-se que a educação assume um carácter de luta, e que a cultura de um povo depende muito dela (educação).

A cultura significava para a Campanha um meio político, um trabalho de preparação das massas para a conquista do poder.

Djalma Maranhão tentava levar o povo a uma emancipação política, contudo não podemos deixar de levar em consideração o aspecto de que ele estava buscando uma alternativa, uma trajetória política ideológica para se firmar, e foi através da educação e da cultura popular, que se tentou esses objetivos.

Enfim, a Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" consistia num setor de estratégia de mobilização social pela administração do Prefeito de Natal.

O povo passou por experiências criativas, dinâmicas e harmonicas, sentido passo a passo a temperatura e a inquietude das classes dominantes, que não aceitavam as forças emergentes buscarem outra alternativa de combater o analfabetismo.

Estas forças foram castradas com o golpe militar de 1964, que destruiu e reprimiu os ideais de processo mobilizador.



6. ANEXOS

ABREVIATURAS

APAÇÃO POPULAR
CFPCENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CNBBCONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
DDCDIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO E CULTURA
JUCJUVENTUDE UNIVERSITARIA CATOLICA
MCPMOVIMENTO D CULTURA POPULAR
MECMINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PNAPROGRAMA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO
PTNPARTIDO TRABALHISTA NACIONAL
PSDPARTIDO SOCIAL DEMOCRATICO
UDNUNIÃO DEMOCRATICA NACIONAL
UNEUNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES
USAIDUNITED STATES AGENCY FOR INTERNACIONAL DEVELOPMENTS

7. BIBLIOGRAFIA

01. BANDEIRA, Moniz. O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964). 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
02. BEISIEGEL, Celso de Rui. Estado e educação popular. São Paulo: Pioneira, 1974.
03. BARREIRO, J. Educação popular e processo de conscientização. Petrópolis: Vozes, 1980.
04. BEZERRA, Aída. A questão política da educação popular. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985
04. CARONE, Edgard. A quarta reública (1945-1964). LVIII, São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980
05. COSTA, Beatriz. Para analisar uma prática de educação popular. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
06. CUNHA, Luiz Antonio Rodrigues da. Educação e desenvolvimento social no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
07. CUNHA, Luiz Antonio, GOES, Moacyr. O golpe na educação. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
08. FERREIRA, Gullar. A cultura em questão. Rio de Janeiro: Civilização Brasiliense, 1965.
09. FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 7 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
10. FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

11. GERMANO, José Wellington. Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
12. GOES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964): uma escola democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. Coleção Educação transformação v. 3.
13. MARANHÃO, Marcos. Djalma Maranhão: pensamento político (discursos parlamentares). Natal: CERN, 1985.
14. NIDELCOFF, M. T. Uma escola para o povo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
15. PAIVA, Vanilda. Educação popular e educação de adultos (contribuição à história da educação brasileira). São Paulo: Loyola, 1973.
16. SANTOS, Wanderley Guilherme. Sessenta e quatro: anatomia da crise. São Paulo: Vértice, 1986.
17. SILVA, Justina Iva de A. Estudantes e política: estudo de um movimento (RN 1960-1969). São Paulo: Cortez, 1989.
18. SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Em busca do voto perdido. Natal: Coojornat, 1982.
19. SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964). 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976